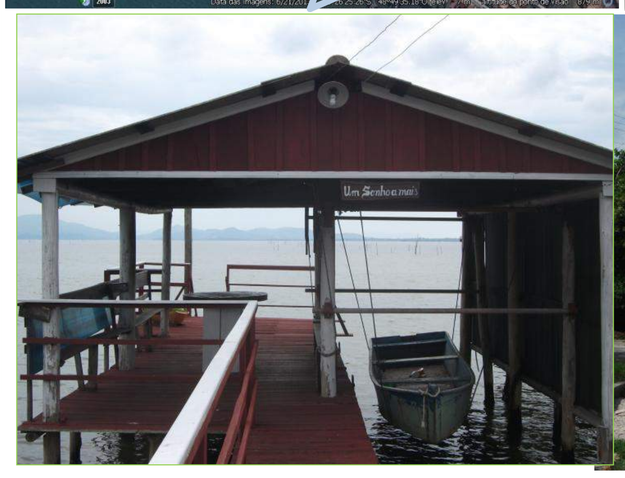
CABEÇUDA- Fachada Litorânea e Paisagem Cultural

Cabeçuda situa-se as margens do Canal de Laranjeiras na divisa entre Laguna e Pescaria Brava, Santa Catarina. A paisagem compõe um mosaico de referências, relacionando elementos físico-geográficos, urbanos e sócio-culturais.

Cabeçuda caracteriza-se por uma península formada por planície arenosa, tendo seus limites de expansão definidos pelas margens da lagoa e vias que a intersectam.
Atualmente, passa por um processo de **transformações urbanas**, frente à **Duplicação da BR 101/Sul** e a construção da Monumental Ponte Estaiada Anita Garibaldi.

Metodologia

Realização de percursos urbanos pré-definidos (SOUZA; CABRAL, 1997), registrando os Aspectos Topoceptivos (HOLANDA, 1996). A Análise da Paisagem Cultural se dá pela ótica da observação dos “instrumentos que as sociedades utilizam e das paisagens que modelam” (CLAVAL, 2007).



Considerações finais

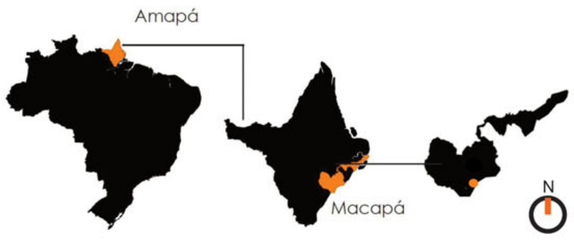
A vocação para a pesca é algo intrínseco à localidade. A tipologia das habitações e os abrigos de embarcações, entrepostos e indústrias de pescados, elementos que imprimem à paisagem o seu aspecto cultural, práticas cotidianas que determinam os significados sociais e a forma urbana, “relacionando hábitos, maneiras de fazer e paisagens” (CLAVAL, 2007).
Soluções à mobilidade em curso e a apropriação do espaço público para o lazer e turismo tendem a proporcionar novo impulso à dinâmica urbana local e a valorização da paisagem cultural.

PNUM 2015
PORTUGUESE NETWORK OF URBAN MORPHOLOGY

MSc. Adilson de Souza Moreira; Doutorando PósARQ- UFSC; Bolsista FAPESC; hstcidurb@gmail.com
Dr. Ayrton Portilho Bueno; Prof. Dr. PósARQ- UFSC; ayrtonbueno@hotmail.com

REABILITAÇÃO URBANA DO
IGARAPÉ DAS MULHERES

LOCALIZAÇÃO:

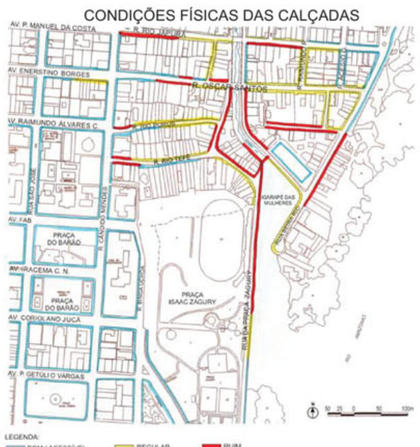


em escala de cidade

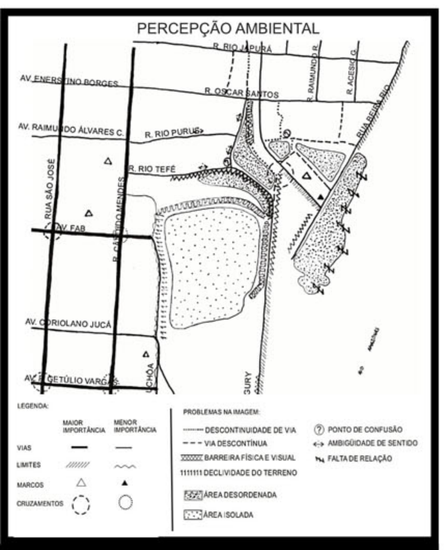
em escala de bairro

Área de estudo e intervenção em 2009

CONDIÇÕES FÍSICAS DAS CALÇADAS



PERCEPÇÃO AMBIENTAL



Este mapa sintetiza vários problemas que foram observados na área a respeito da sua funcionalidade, de sua imagem e das relações entre os elementos da paisagem urbana. À direita do mapa, a região pontilhada demarca as áreas desordenadas e os símbolos entre uma destas áreas ilustram que há uma falta de integração destas áreas com o Rio Amazonas, cuja visibilidade que se encontra bloqueada pelas edificações ali presentes. As linhas tracejadas representam as vias descontínuas, ou seja, que não possuem permeabilidade e integração com a malha urbana. As linhas pontilhadas ilustram a continuidade que deveria existir das vias descontínuas.

I. INTRODUÇÃO

O Igarapé das Mulheres consiste em uma zona comercial e habitacional onde há uma variedade de usos no seu entorno. Por estar localizado na orla, próximo de diversas áreas de lazer e de diversos elementos históricos da cidade, tal como a Fortaleza de São José de Macapá, possui um grande potencial cultural, turístico e paisagístico pela presença da doca do Igarapé das Mulheres e da dinâmica local.
Entretanto, esta área não recebeu do poder público, a mesma atenção que foi dada às áreas regulares da cidade, pois se caracterizou nos primeiros anos de sua ocupação por uma região de várzea, ocupada por um assentamento precário sobre palafitas. Graças aos apelos da população e da paróquia local, esta parte da cidade encontra-se aterrada com vias asfaltadas, mas cresceu sem um planejamento adequado, consolidando-se com malha urbana irregular e condições de infraestrutura, de mobilidade e de trabalho precárias, principalmente, para o cotidiano dos ribeirinhos e vendedores de produtos rurais. Além de diversos problemas ambientais e de infraestrutura, a área apresenta problemas de funcionalidade e de integração com as áreas vizinhas.
Tendo vista a importância desta área para a cidade de Macapá, e sua singularidade no contexto urbano, este trabalho tem o objetivo de estudar a área do Igarapé das Mulheres, criar uma proposta urbanística e arquitetônica que busca melhor habilitar as estruturas existentes no local e solucionar problemas urbanos identificados.
Adotou-se um método qualitativo por meio do qual os dados foram obtidos através de observações e interagindo-se com a população local, buscando entender a problemática do lugar segundo a visão de seus usuários. Após analisar e diagnosticar os problemas urbanos da área, criou-se um plano com todas ações necessárias e possíveis soluções.

II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Espaço público
Dele, todos possuem o direito de usufruir, e não devem haver barreiras físicas ou imateriais que impeça de alguma maneira o seu acesso por determinados grupos sociais. Deve ser um ambiente com usos diversificados, pois assim, tem-se maior atratividade, diversidade e maior movimento de usuários. Autores como Jacobs, Hertzberger e Ramalho também defendem que a relação entre o público e o privado deve ser de integração gradativa, com um espaço de transição entre eles.

Desenho Urbano
Campo disciplinar utilizado para estudar, o ambiente urbano, por meio de uma metodologia de análise que busca interpretar as especificidades de cada área analisada em diferentes escalas, contando com a participação de todos os grupos de usuários da cidade.

Reabilitação Urbana
É uma estratégia de gestão urbana que procura requalificar a cidade existente através de intervenções múltiplas destinadas a valorizar as potencialidades sociais, econômicas e funcionais a fim de melhorar a qualidade de vida das populações residentes; isso exige o melhoramento das condições físicas do parque construído pela sua reabilitação e instalação de equipamentos, infraestruturas, espaços públicos, mantendo a identidade e as características da área da cidade a que dizem respeito. (Carta de Lisboa Sobre a Reabilitação Urbana Integrada, 1995).

III. ANÁLISE DA ÁREA DE INTERVENÇÃO

Evolução Urbana
Na década de 70, Macapá já apresentava algumas baixadas com ocupações irregulares, tais como a Baixada do Santa Inês, ao sul da Fortaleza de São José, e a Baixada do Igarapé das Mulheres, a nordeste do Bairro Central. A partir de 1982, além da expansão urbana norte-sul da cidade, ocorreu a intensificação da ocupação de áreas mais centrais o que levou também ao aterramento de algumas áreas alagadas inclusive a área do Igarapé das Mulheres. Após o aterramento, expandiu-se em direção ao norte dando origem ao Bairro Perpétuo Socorro. Entretanto, o bairro nesta área específica do Igarapé das Mulheres surgiu sem planejamento urbano e assim cresceu e se consolidou, caracterizando-se por uma área com traçado orgânico e irregular.
Atualmente, em seu entorno há uma grande diversidade de serviços, instituições, pontos comerciais e bairros habitacionais.

Topofilia
Segundo TUAN (1980) é um termo muito abrangente, mas que sempre se refere a todos os tipos de laços afetivos entre os seres humanos e o meio-ambiente físico.
com esta categoria de análise aplicada à pesquisa foram encontrados três elementos de maior afinidade para a população local: o Rio Amazonas, a Praça Zagury e o Mercado do Pescado. Com este resultado foram traçadas medidas pra valorizar a presença destes três componentes da paisagem local.

Comportamento Ambiental
A proposta desta categoria de análise consiste em observar o comportamento das pessoas no ambiente urbano para entender como as pessoas se relacionam com o espaço e suas reais necessidades, para, com isto, traçar metas de projetos que interfiram positivamente no local analisado. Deste modo, o projeto "deve responder a três grupos básicos de satisfação do usuário: visual, funcional e comportamental" (DEL RIO, 1990, p.99).

Percepção do Meio Ambiente
A importância desta categoria de análise está na compreensão da importância dada a certos elementos ou conjuntos do ambiente, pelas pessoas usuárias que compõem a imagem pública da memória coletiva. É como uma síntese sobre os detalhes que deveriam ser considerados com cuidado para que se tomem medidas de organização de caráter físico-ambiental que se adeque a esses sentidos coletivos da população.

Ocupação Informal
A imagem abaixo mostra alguns espaços que eram públicos, mas que foram ocupados informalmente por pessoas de baixa renda. As edificações foram construídas em situações muito precárias e, no contexto atual, este tipo de ocupação está causando impactos negativos sobre a qualidade urbana e ambiental. Consistem nos principais problemas ambientais a insalubridade da área edificada, a poluição do igarapé pelo sistema de esgoto improvisado pela população, e falta de manutenção da infraestrutura existente.

1 - Área habitacional parcialmente demolida
2 - Mercado do Pescado
3 - Doca do Igarapé das Mulheres
4 - Praça Zagury
5 - Rio Amazonas

Volumetria da área de estudo. Estão representados em vermelho as edificações irregulares que serão retiradas e reassentadas de acordo com a proposta de intervenção.

Elementos de maior afinidade para os usuários: o Mercado do Pescado, o Rio Amazonas e a Praça Zagury

Tipologias das edificações locais que fundamentaram o partido arquitetônico das habitações propostas

Cenas do cotidiano: desembarque de mercadorias e estruturas improvisadas.

IV. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Principais Soluções Propostas
- Remoção das habitações precárias e insalubres (algumas já demolidas parcialmente) construção de novas moradias no mesmo local, adotando-se elementos identificados na tipologia das casas a serem removidas.
- Desapropriação da quadra onde se localiza o comércio de produtos rurais, propondo a relocação destes elementos próximo ao Mercado do Pescado.
- Remoção do Posto de Combustível e relocação do mesmo no Rio Amazonas como posto flutuante.
- 4.Criação de um projeto de plataforma de embarque e desembarque e de uma área de apoio aos ribeirinhos que atracam no local.
- Deslocação da fábrica de gelo para o terreno onde se situava o instituto de apoio às mulheres escalpeladas, permanecendo próximo ao local.
- Implantação de cobertura tensionada para abrigar os vendedores ambulantes.
- Revitalização e reabilitação da Praça Isaac Zagury.

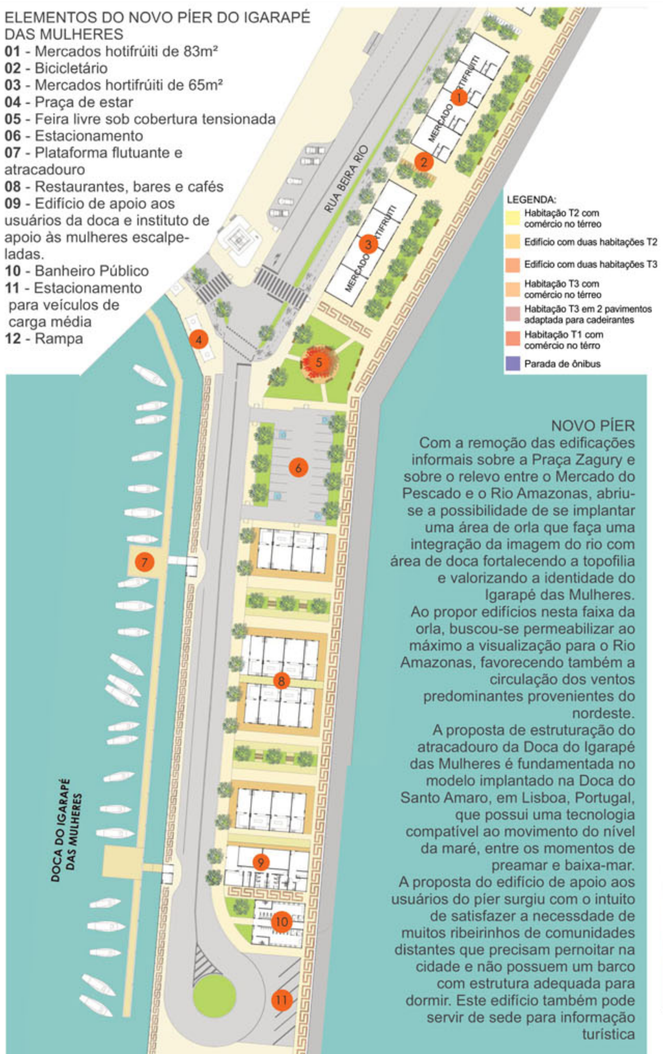
Elementos da Proposta de Intervenção
01 - Conjunto habitacional
02 - Mercado Hortifruiti
03 -Feira livre sob cobertura tensionada
04 - Nova ponte de concreto com ajuste dos fluxos viários
05 - Plataforma Flutuante para embarque e desembarque
06 - Abertura de pequenas passarelas de acesso à passagem de pedestres às margens do canal
07 - Estacionamento
08 - Novo píer com bares, lanchonetes, restaurantes, apoio à doca, apoio às mulheres escalpeladas e banheiro público
09 - Reabilitação da área norte da Praça Zagury

Praça Zagury
No projeto da praça aproveitou-se a elevação à esquerda para criar um mirante em deck (01) com uma escadaria ladeada por uma rampa de acesso. para diversificar os usos da praça, foram criados: anfiteatro a céu aberto (02), arena de skate/bike (03), quiosques (12) playground (13) e academia de praça (14). Pensando nas necessidades dos usuários, implantou-se banheiro público (07), bicicletário (15) e estacionamento. Também foram criadas áreas de conforto e estar na praça que consistem nos recintos arborizados com ipê e pau-brasil contendo bancos e mesas em madeira, e um coreto (09) para abrigar os visitantes em caso de chuva. Por fim, buscou-se revitalizar o caráter esportivo da praça com a implantação de pista atlética (05) e pista de salto(08) devidamente emborrachadas, campo de futebol (06) e arquibancada estruturada em aço (04). Para o paisagismo da praça investiu-se também em um corredor de flamboyant e em diversas espécies nativas: açucena, açaizeiro, helicônia e samaúma.

PONTE EM CONCRETO

PRAÇA ZAGURY

ELEMENTOS DO NOVO PÍER DO IGARAPÉ DAS MULHERES
01 - Mercados hotifrúiti de 83m²
02 - Bicicletário
03 - Mercados hotifrúiti de 65m²
04 - Praça de estar
05 - Feira livre sob cobertura tensionada
06 - Estacionamento
07 - Plataforma flutuante e atracadouro
08 - Restaurantes, bares e cafés
09 - Edifício de apoio aos usuários da doca e instituto de apoio às mulheres escalpeladas.
10 - Banheiro Público
11 - Estacionamento para veículos de carga média
12 - Rampa



NOVO PÍER
Com a remoção das edificações informais sobre a Praça Zagury e sobre o relevo entre o Mercado do Pescado e o Rio Amazonas, abriu-se a possibilidade de se implantar uma área de orla que faça uma integração da imagem do rio com área de doca fortalecendo a topofilia e valorizando a identidade do Igarapé das Mulheres.
Ao propor edifícios nesta faixa da orla, buscou-se permeabilizar ao máximo a visualização para o Rio Amazonas, favorecendo também a circulação dos ventos predominantes provenientes do nordeste.
A proposta de estruturação do atracadouro da Doca do Igarapé das Mulheres é fundamentada no modelo implantado na Doca do Santo Amaro, em Lisboa, Portugal, que possui uma tecnologia compatível ao movimento do nível da maré, entre os momentos de preamar e baixa-mar.
A proposta do edifício de apoio aos usuários do pier surgiu com o intuito de satisfazer a necessdade de muitos ribeirinhos de comunidades distantes que precisam pernoitar na cidade e não possuem um barco com estrutura adequada para dormir. Este edifício também pode servir de sede para informação turística

PÍER

Conjunto habitacional
A proposta do conjunto habitacional seguiu a demanda de edifícios a serem reassentados, sendo que cada um foi contabilizado de acordo com seu tamnho. Nesta proposta, cada habitação nova corresponde à alguma extraída do local, entretanto maior ou com, aproximadamente, a mesma área útil. Os edifícios que possuem comercio foram locadas nas áreas mais visíveis enquanto que os edifícios habitacionais encontram-se mais ao centro de cada parcela do conjunto, tais como os duplexs e os sobrados.
Investiu-se em pequenos recintos para o convívio dos moradores e em arborização para proporcionar maior conforto ambiental.
As passarelas entre as casas também podem ser usadas como locais de convivência, por não serem trafegáveis para carros. Tendo em vista eventuais dificuldade de acesso pelo corpo de bombeiros, propôs-se a instalação de hidrantes nestas passarelas.

Uma parada de ônibus foi posta no local atendendo assim mais uma necessidade dos moradores e dos trabalhadores.
Locação de lixeiras públicas também foi proposta para amenizar a poluição do local.

Habitações
Foram propostas 4 tipos de habitações: com um quarto, com dois quartos, com três quartos e um sobrado com três quartos e acessibilidade no térreo. Com exceção deste último, todos foram organizados em edificações com duas habitações ou no piso superior das edificações que possuem comércio no térreo. Foi adotado o partido e a tipologia identificada na maioria das edificações locais, inserindo-se no ambiente, algo novo sem mudar o modo simples de habitar dos moradores. Deste modo, todas as habitações possuem uma área externa, sendo varanda, pátio ou hall de entrada e alguns elementos também característicos da tipologia local, tais como a madeira na parte superior da fachada e nas esquadrias, e as grades nos pátios do térreo, cujo modelo pode ser à escolha do morador.

REFERÊNCIAS
1. BENTLEY, Ian et al. **Responsive environments: a manual for designers**. 10 ed. Oxford: Elsevier, 2005.
2. DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. 1. ed. São Paulo: Pini, 1990.
3. HETZBERGER, Herman. **Lições de Arquitetura**. Carlos Machado. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
4. JACOBS, Jane. **Morte e Vida das Grandes Cidades**. Carlos S. Mendes Rosa. 1 ed. Martins Fontes: São Paulo, 2009.
5. LYNCH, Kelvin. **A imagem da Cidade**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1960.
6. RAMALHO, António Leite. **Urbanismo – Retratos Urbanos**. 1 ed. Póvoa do Varzim: Caleidoscópio, 2004.
7. RODRIGUES, Ferdinando de Moura. **Desenho Urbano: cabeça, campo e prancheta**. 19 ed. São Paulo: Projeto, 1986.
8. SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2009.
9. TOSTES, José Alberto. **Planos Diretores no Estado do Amapá: uma contribuição para o desenvolvimento regional**. 1 ed. Macapá: J. A. Tostes, 2006.
10. TUAN, Yi-fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. 1 ed. São Paulo: DIFEL, 1980.

PLATAFORMA FLUTUANTE

RESTAURANTES, BARES E CAFÉS

PNUM 2015
PORTUGUESE NETWORK OF URBAN MORPHOLOGY

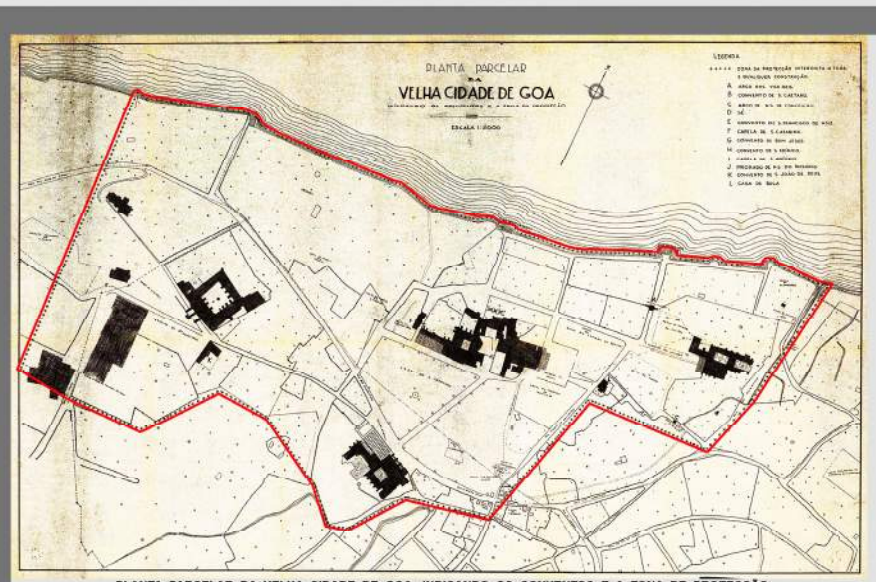
AUTORA: ANA COSTA cynthia.s@hotmail.com
CO-AUTORA: DANIELLE GUIMARÃES dcguimaraes@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
ARQUITETURA E URBANISMO

ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO E SALVAGUARDA PATRIMONIAL NO ESTADO DA ÍNDIA PORTUGUESA

O Plano Director de Nova Goa e os Planos de Pormenor de Velha Goa no Contexto da Criação de uma "Cidade-Museu" (1958-61)

ANTECEDENTES



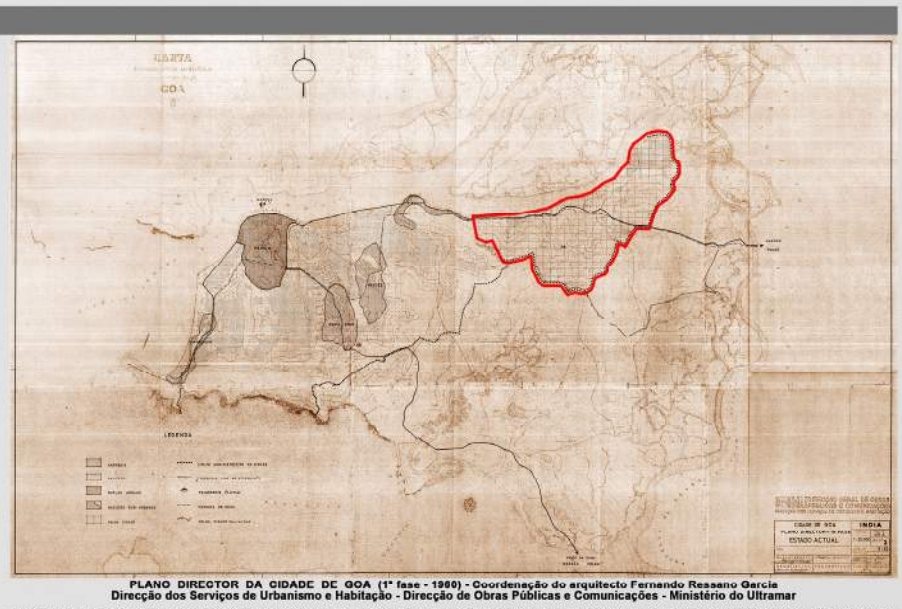
PLANTA PARCELAR DA VELHA CIDADE DE GOA, INDICANDO OS CONVENTOS E A ZONA DE PROTECÇÃO
Repartição das Obras Públicas, Portos e Viação - Direcção do Fomento - Ministério do Ultramar

- A Planta Parcelar da Velha Cidade de Goa poderá ter tido coordenação atribuível ao arquitecto Baltazar da Silva Castro, aquando a sua comissão de serviço no Estado da Índia (esteve ligado directa ou indirectamente às intervenções patrimoniais em Velha Goa entre 1951 e 1957).
- A base inicial da planta poderá ter sido o levantamento efectuado pelo arquitecto Martinho Humberto Reis, no âmbito da Missão de Estudo dos Monumentos de Goa, Damão e Diu, realizada em 1951 conjuntamente com os historiadores Mário Tavares Chicó e Carlos de Azevedo e o fotógrafo José Carvalho Henriques.
- A área protegida em Velha Goa englobava somente o Monte Santo e a antiga área central da cidade, que incluíam os principais monumentos arquitectónicos, deixando todavia vários monumentos importantes fora da área protegida.
- Além dos monumentos arquitectónicos, estava também marcado o sistema viário remanescente, a localização dos vestígios arqueológicos principais, e algum tipo de divisão (cadastral) do terreno.
- É possível que algum tipo de memória descritiva pudesse acompanhar a planta, enumerando as intenções de salvaguarda dessa área protegida; porém, desconhece-se o seu eventual paradeiro, o que impede assim a leitura plena do documento.
- A planta foi reproduzida posteriormente, como por exemplo na publicação da geógrafa Raquel Soeiro de Brito resultante da Missão de Estudos Geográficos, Antropológicos e Etnográficos ao Estado da Índia, realizada em 1955-56 conjuntamente com os geógrafos Orlando Ribeiro e Mariano Feio.

Comemorações, em 1960, do VI Centenário da Morte do Infante D. Henrique, o Navegador, e dos 450 Anos da Conquista de Goa por Afonso de Albuquerque

Governador Manuel António Vassalo e Silva, promotor de um vasto conjunto de obras públicas no Estado da Índia

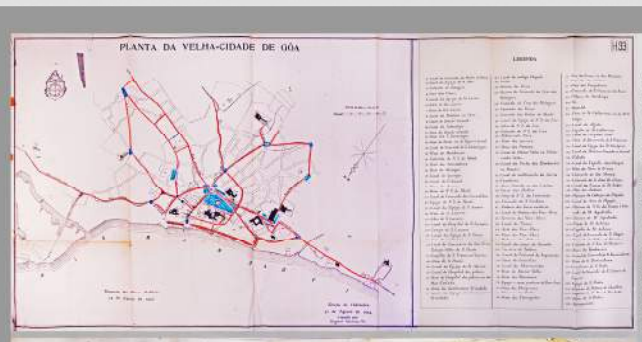
Reunião da comicsão "A Velha Goa" (1959), presidida por José António Ismael Gracias Jr., encarregue de elaborar o plano para a *Reintegração da Cidade de Velha Goa no seu Ambiente Histórico, Arqueológico, Monástico e Religioso*



PLANO DIRECTOR DA CIDADE DE GOA (1ª fase - 1960) - Coordenação do arquitecto Fernando Ressano Garcia
Direcção dos Serviços de Urbanismo e Habitação - Direcção de Obras Públicas e Comunicações - Ministério do Ultramar

- O Plano Director da Cidade de Goa abrangia o território administrativo da zona urbana de Pangim e respectiva área envolvente de carácter peri-urbano (pequenos povoados) e rural, correspondendo ao terço ocidental e norte da ilha.
- O plano possuía afinidades com a urbanística modernista: zonamento racionalista que atribuía funções a cada áres, articulando-se mediante uma estrutura de vias de comunicação hierarquizada com grandes eixos e circulares viárias que procuravam conjugar-se com a topografia, complementando-se com as infra-estruturas públicas.
- Com base na análise das preexistências locais (história, morfologia, clima, economia, sociologia, etc.), o plano pretendia lançar orientações para o desenvolvimento organizado da cidade, evitando a rigidez dos planos formalistas ao aceitar a versatilidade e adaptabilidade aos condicionamentos futuros que pudessem ir surgindo.
- A zona suburbana da cidade englobava a área de Velha Goa que, pelos inúmeros monumentos e ruínas aí existentes, deveria considerar-se zona de interesse histórico e monumental, exigindo um estudo cuidado elaborado por técnicos especializados que atendesse ao carácter dos edifícios existentes, valorizando-os e enquadrando-os.
- Previa-se, numa primeira fase, o reconhecimento das ruínas existentes através da libertação da vegetação que as envolvia, a demarcação dos antigos arruamentos, a conservação dos templos ainda existentes e a limpeza da vegetação, permitindo descobrir pontos de vista de carácter panorâmico e ajudar à ventilação da zona.
- A área histórica e monumental não poderia vir a ser um núcleo populacional significativo pelas suas condições climatológicas (e outras), devendo por isso ser encarada como uma Cidade Museu, com construções de carácter monástico (conventos e seminários) e de carácter militar (onde não existam elementos de carácter monumental).

PROPOSTAS



REINTEGRAÇÃO DA CIDADE DE VELHA GOA NO SEU AMBIENTE HISTÓRICO, ARQUEOLÓGICO, MONÁSTICO E RELIGIOSO
Comissão "A Velha Goa" - elementos gráficos concebidos sob coordenação do arquitecto Naguexa Xambá Sinai Pissurlencar (1959)

O objectivo do projecto seria a reanimação de Velha Goa, onde a comissão visionava "*a cidade de Velha Goa a renascer como aglomerado urbanizado num futuro mais ou menos remoto, como extensão da capital do Estado da Índia*". A comissão foi dividida em 3 subcomissões, estando a primeira encarregada de estudar o arranjo urbanístico de Velha Goa, a segunda de atribuir finalidades aos edifícios existentes, e a última deveria elaborar o relatório final da comissão. De referir que Naguexa Pissurlencar havia colaborado com Baltazar Castro alguns anos antes.

Versão preliminar do Plano para a Reintegração de Velha Goa:

- Relatório escrito, com um historial resumido sobre as "causas para a decadência e ruína de Goa", com "as tentativas feitas para a reconstrução da Velha Cidade", e a proposta de soluções para vários aspectos relacionados com a reabilitação de Velha Goa.
- Planta baseada num levantamento de 1910 feito pela Direcção das Obras Públicas do Estado da Índia, onde os técnicos e consultores da comissão propunham traçados dos arruamentos e avenidas (a vermelho), praças e jardins (a verde), assim como as denominações propostas para esses espaços públicos, prevendo o programa de realização para a urbanização e restabelecimento do centro histórico e turístico de Velha Goa.

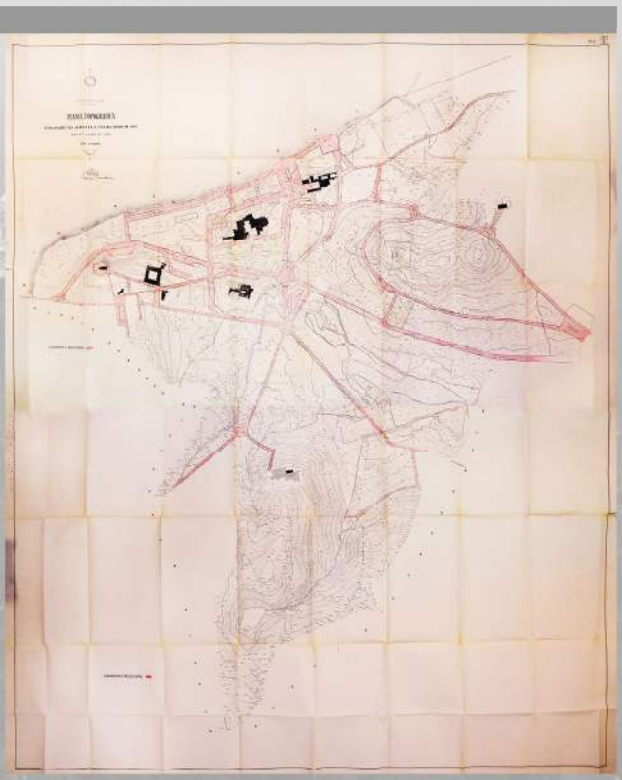
Versão melhorada do Plano para a Reintegração de Velha Goa:

- Planta à escala 1:2000 com os futures arranjos urbanísticos de toda a área de Velha Goa (arruamentos e espaços ajardinados): novos arruamentos a vermelho e os espaços ajardinados a verde, estando patente a adequação do projecto aos condicionalismos topográficos existentes.
- Planta rigorosa, figurando apenas os monumentos arquitectónicos, os novos traçados urbanos propostos e as legendas indicando denominações de espaços públicos, dos monumentos e dos lugares para estacionamentos, parecendo indicar ainda a implantação das futuras construções.

Propostas do Plano para a Reintegração de Velha Goa:

- Restauro dos monumentos e conservação das ruínas, e colocação de uma estátua do poeta Luís Vaz de Camões (de autoria de Martins Correia) no centro do futuro largo ajardinado de S. Francisco Xavier, a ser construído entre a Sé Catedral e a Basílica do Bom Jesus.
- Construção de arruamentos e praças, assim como o ajardinamento dos espaços públicos e a construção de infra-estruturas de saneamento. Entre os novos espaços públicos, a comissão propunha: a construção de uma praça em redor do arco dos Vice-Reis, abrindo para o cais dos Vice-Reis na margem do rio Mandovim e ladeada por espaços ajardinados com colunatas; uma avenida marginal ao rio Mandovim, localizada entre a antiga alfândega e o antigo colégio de S. Boaventura; reconstituição da antiga rua Direita a partir do arco dos Vice-Reis; entre a sé catedral e o convento de S. Caetano seria efectuado o arranjo do terreiro dos Vice-Reis; os arruamentos que se previam construir seguiam em grande parte as ruas preexistentes, com algumas rectificações e alargamentos; várias das ruas e calçadas preexistentes seriam conservadas e reparadas pelo seu valor histórico; todos os monumentos seriam servidos por ruas asfaltadas.
- As igrejas e capelas deveriam de permanecer destinadas ao culto religioso, o Convento de S. João de Deus deveria ser destinado para a instalação do Arquivo Histórico do Estado da Índia, e o Museu de Arte Sacra seria transladado para o Convento de Sta. Mónica.
- Existência prevista de zonas para futuras construções em volta da futura rotunda do cruzamento da estrada Pangim - Pondá com a de Velha Goa - Neurá, ao longo da avenida marginal Infante D. Henrique e ladeando a terreiro dos Vice-Reis.
- Construção de alguns edifícios novos: um estádio desportivo, um quartel militar, e o complexo constituído pelo Tribunal da Relação, casa do Procurador da República e casas dos juízes desembargadores. Juntamente com os monumentos arquitectónicos, estes novos pólos urbanos constituíriam catalizadores para o futuro desenvolvimento urbano de Velha Goa.

Arco dos Vice-Reis, que seria transformado em "arco triunfal"; estátua de Luís Vaz de Camões, implantada no Terreiro de S. Francisco Xavier ainda antes do arranjo previsto pela comissão; placa comemorativa do início das obras, com a presença do Ministro da Presidência, Pedro Teotónio



CONSEQUÊNCIAS

Apesar de inicialmente elogiadas as intenções da comissão "A Velha Goa", considerou-se criticável a inexistência de técnicos especialistas na dita comissão (como arqueólogos e urbanistas), e a estimativa de custos para ajuizar das verbas que necessárias para tal fim seriam enormes, o que desde logo inviabilizaria tal iniciativa.

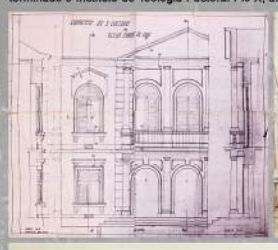
O arquitecto Fernando Ressano Garcia, responsável pela apreciação do plano, considerou que não se vislumbrava a possibilidade de concretizar a urbanização de Velha Goa e dar condições de vida própria ao aglomerado urbano; as novas intervenções deveriam de ser humildes e não se sobreporem aos monumentos existentes, respeitando e mantendo ao máximo o ambiente e espírito do lugar - contrariamente ao plano que tinha sido enviado pela comissão.

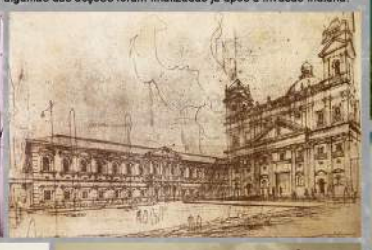
Assim, as únicas operações consideradas viáveis seriam libertar da vegetação as ruínas encobertas, seleccionar as que pela sua qualidade ou estado mereceriam servir de base a uma reconstituição, arrasar aquelas em que tal não se verifique, conservar com respeito pelas linhas arquitectónicas originais os edifícios ainda de pé (com prioridade para aqueles que do ponto de vista estético mereçam maior consideração), e repor os antigos arruamentos.

O arquitecto Luís Benavente deslocou-se em comissão de serviço a Goa em 1961, para coordenar os procedimentos futuros no plano de reintegração de Velha Goa; contudo, não chegou a realizar nenhuma acção concreta, visto que a 18 de Dezembro de 1961 o Estado da Índia foi invadido pela União Indiana, retirando definitivamente a Portugal a soberania sobre esse território.

Além das reparações em alguns monumentos, como a Igreja de Sto. António, e dos arranjos de alguns espaços urbanos, designadamente o tratamento do espaço ajardinado no Terreiro de S. Francisco Xavier, também foi terminado o Instituto de Teologia Pastoral Pio X, algumas das acções foram finalizadas já após a invasão indiana.

Vista do Terreiro de S. Francisco Xavier antes e depois dos trabalhos da comissão, podendo observar-se o ajardinamento do espaço e a estátua de Luiz Vaz de Camões no centro desta





Projecto (alçado e perspectiva) do Instituto de Teologia Pastoral Pio X, da autoria do arquitecto Naguexa Pissurlencar; vista da Igreja da Divina Providência (ou de S. Caetano) antes e depois da construção do Instituto Pio X (à esquerda)

Vista aérea da área envolvente ao Terreiro de S. Francisco Xavier antes e depois das intervenções propostas pela comissão, podendo ver-se os arranjos de ajardinamento do mesmo que terão sido terminado já após a invasão do território por parte da União Indiana

PNUM 2015
PORTUGUESE NETWORK OF URBAN MORPHOLOGY

JOAQUIM RODRIGUES DOS SANTOS
ARTIS | Instituto de História da Arte - Universidade de Lisboa
joaquimr.santos@gmail.com

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA
ARTIS INSTITUTO DE HISTÓRIA DA ARTE FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DE LISBOA
U LISBOA UNIVERSIDADE DE LISBOA

CONSERVAÇÃO

DA SIGNIFICÂNCIA CULTURAL DE ÁREAS DE INTERESSE PATRIMONIAL

ANÁLISE TIPOLÓGICA DO SETOR DE PRESERVAÇÃO RIGOROSA DA ZONA ESPECIAL DE PRESERVAÇÃO 2 – CENTRO (ZEP 2) EM MACEIÓ/ AL

RESUMO

A proposta tem como objetivo a investigação tipológica da área histórica patrimonial Zona Especial de Preservação 2, ou ZEP 2, do bairro Centro de Maceió, Alagoas, buscando identificar a partir da análise tipológica do Setor de Preservação Rigorosa 1 (SPR 1) os atributos materiais, imateriais e o conjunto de valores patrimoniais para a conservação do patrimônio cultural urbano — sua Significância Cultural. Espera-se que a pesquisa possibilite uma reflexão teórico-metodológica de gestão da conservação de bens materiais e imateriais que dão a significância cultural ao lugar.

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da identificação dos atributos materiais e imateriais por meio da análise do tipo seguindo metodologicamente o estudo da tipologia edilizia de Saverio Muratori, onde os alvos de estudo deixam de ser as edificações como elemento singular, dando prioridade também aos espaços livres a elas relacionadas. Especificamente, dessa maneira, a pesquisa apresentada trabalha com os imóveis de interesse e com sua ambiência, inserção no sítio e entorno imediato do Setor de Preservação Rigorosa 1 com a finalidade de gerir esses bens edificados de alta complexidade. Este estudo faz parte de uma pesquisa maior que vem sendo desenvolvida há dois anos na ZEP 2, englobando também o Setor de Entorno Cultural 1, e Setor de Entorno Cultural 2 — sob a ótica da conservação urbana patrimonial. Conta, ao todo, com outros cinco alunos bolsistas e dois colaboradores graduandos em arquitetura e urbanismo pela Universidade Federal de Alagoas, integrantes do Núcleo de Estudo de Projetos Especiais – NUPES. Entende-se que o legado patrimonial sofre influência de sua natureza e contexto culturais, e sua evolução através do tempo, perpetuados no material formal, funcional e humano da área histórica. Parte-se, então, da postura de que a análise das formas de uma área de interesse histórico é a fase inicial de todo o processo de planejamento urbano, pois irá estruturar as propostas e decisões com base numa avaliação da evolução do estado e significação das estruturas, assim como de usos e possibilidades de transformações futuras. A leitura tipológica, é uma ferramenta que a partir de fontes de informação materiais e históricas, e de usos e funções, permite-nos conhecer, aprender e intervir de maneira consciente nas estruturas históricas patrimoniais; pois oferece os instrumentos de observação das transformações da unidade construtiva sob os parâmetros de valorização relativos à possibilidade de conservação ou transformação dos tipos construtivos.

MATERIAIS E METODOLOGIAS

A metodologia da pesquisa é dividida em quatro etapas:
1) o levantamento histórico — iconográfico e textual; 2) a análise dos instrumentos de preservação que incidem na ZEP 2; 3) a análise tipológica para identificar os atributos materiais (elementos construtivos e estilísticos) e imateriais (usos e entorno imediato), seguida da interpretação dos dados obtidos na pesquisa por meio de esquemas, sistematizações, fichas ou outras técnicas de reconhecimento das características marcantes; e 4) a identificação dos valores patrimoniais relacionados aos atributos da etapa anterior. Na etapa 3), por dimensão — do edifício e do entorno — destacam-se as seguintes atividades: a) levantamentos por uma ficha padrão dos elementos que caracterizam cada dimensão e referentes à estrutura física (desenho, dimensões, proporção, elementos compositivos) e à estrutura ativa (relacionada às atividades praticadas naquele ambiente); e b) uma avaliação comparativa do ambiente entre diversos momentos da história e o atual cenário, demonstrando imageticamente as permanências e transformações da forma urbana, observando questões que expliquem estas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esse trabalho está em fase de andamento e os resultados parciais são o desenvolvimento de um instrumento de campo para apreender os dados tipológicos caracterizantes da significância local, formada a partir de revisões teóricas, estudo da legislação e história do bairro, seguida pela apreensão iconográfica. Essa será usada para a coleta de dados essenciais à construção da significância cultural patrimonial urbana, prevendo o crescimento da urbe de maneira mais direcionada. Para fins de aplicação das normas de uso, ocupação e parcelamento do solo, a Área Urbana definida no Plano Diretor Municipal e inserida nos limites do perímetro urbano de Maceió, divide-se em zonas. (SEMPLA 2006) No caso das Zonas Especiais, são necessários padrões específicos de organização urbana por parte do Código de Urbanismo, que controlem a ocupação e mudanças dessas áreas. As ações seguintes constarão na delimitação das edificações relevantes e coleta de informações em locus que possibilitem a identificação de padrões necessários para montar o quadro final, o material dos dados tipológicos apreendidos, viabilizador de futuras cooperações entre os gestores do patrimônio cultural e a universidade que possibilitem um plano de conservação da integridade dos variados tipos de edificações (excepcionais ou não) que perpassam o final do século XIX e adentram o século XX, além dos conjuntos históricos remanescentes que conformam a ambiência, característicos do final de século XIX que compõem o Centro histórico de Maceió - AL.

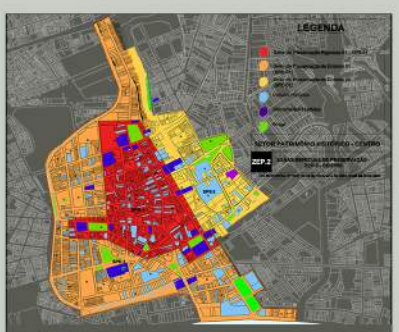


Imagem 01: Zoneamento da ZEP 2 com identificação dos Imóveis de Interesse patrimonial.
Fonte: SEMPLA Maceió (editado).

Imagem 02: Casarios da SPR 1, Centro de Maceió.
Disponível em <https://goo.gl/maps/fEp6i>. Acesso em 13 jun 2015

Imagem 03: Vista da Catedral de Maceió. Hierarquia visual do patrimônio comprometida.
Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 04: Palácio Marechal Floriano Peixoto.
Disponível em: < http://www.maceio.al.gov.br/turismo/museus/>. Acesso em: 01 jun. 2015

CONCLUSÃO

A relevância do estudo em questão, especificamente, está no fato de que o Plano de Gestão da ZEP do Centro de Maceió/AL, previsto pelo Plano Diretor Municipal (2006), ainda não foi efetivado enquanto recomendações e diretrizes mais específicas no que diz respeito às intervenções para conservação da significância cultural da ZEP, e, em especial, o SPR1, que apesar de ser uma área onde o controle de intervenções edilícias e urbanísticas é maior, ainda existem lacunas que podem comprometer sua ambiência (como a hierarquia visual dos patrimônios excepcionais, que cada vez mais perde espaço para edificações contemporâneas e destoantes) e suas características originais (como as adaptações da estrutura interna para o uso comercial ou disposição de grandes letreiros nas fachadas, promovendo a poluição visual e possível degradação da estrutura), acarretando na degradaçao desses bens culturais. A relevância do estudo da ZEP 2 parte do pressuposto de que a busca da lógica histórica do patrimônio para adaptação às necessidades contemporâneas deve ser a essência da gestão da conservação de áreas históricas, além de possibilitar relacionar atributos, significados e valores patrimoniais. A pesquisa conta com o apoio institucional do Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrad a (CECI), assim como da Universidade Federal de Alagoas e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

REFERÊNCIAS

CANIGGIA, G., MAFFEI, G. **Lettura dell'edilizia di Base**. Veneza: Marsilio Editori S.P.A, 1995.
GARCIA LAMAS, José M. R. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: Fundação Carlouste Gulbekian/ JNICT. 1993.
GREGOTTI, Vittorio. **Território da Arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo. 1975.
ICOMOS – AUSTRÁLIA. (2013). **The Burra Charter**. Disponível em <http://australia.icomos.org/wp-content/uploads/The-Burra-Charter-2013-Adopted-31.10.2013.pdf>. Acesso em 15 fev 2015.
KOHLSDORF, Maria Elaine. **A apreensão da cidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.
NESBITT, K. **Uma Nova Agenda para a Arquitetura**: Antologia Teórica (1965-1995). 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, p. 11-80. 2013.
SITTE, C. A. **Construção das Cidades segundo seus princípios artísticos**. São Paulo: Ática, 1992.

4ª Conferência do PNUM Morfologia Urbana e os Desafios da Urbanidade Brasília, 25 e 26 de junho de 2015

Letícia Naka Cartaxo Mishina, Lúcia Tone Ferreira Hidaka
Núcleo de Estudo de Projetos Especiais – NUPES, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU, Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Av. Lourival Melo Mota, s/n, Bairro do Tabuleiro dos Martins, CEP: 57072-900, Maceió – Alagoas – Brasil, Telefone/fax: 55 082 996254606 - 55 082 93311635
leticianaka@hotmail.com e lucia.hidaka@fau.ufal.br

TIPOS E ARQUITETURAS DA ERA FERROVIÁRIA EM ANÁPOLIS, GO.

RESUMO

Os tipos, modelos e estilos arquitetônicos permeiam a arquitetura desde o século XVIII, quando o campo teórico e as disciplinas de teoria começam a se preocupar com a produção arquitetônica e suas implicações no projeto. O uso repetido modelos preocupava os arquitetos em relação a perda de sentido, bem como a demasia de elementos simplesmente estéticos. Nesste trabalho foram analisados por amostragem, imagens de edificações construídas na cidade de Anápolis, entre a década de 1930 a 1950, que permitem observar a distinção entre o uso de tipos e modelos dentro dos estilos arquitetônicos, nos quais se percebe uma grande parte de derivações e adições, com poucos exemplares possuindo e representando formalmente um estilo arquitetônico.

Palavras Chave: Tipo, Arquitetura, Anápolis.

TIPOS

A questão do tipo adentra de forma sistemática as discussões teóricas da Arquitetura, por volta da década de 1960 no século XX, quando em face do reducionismo do movimento moderno, volta-se o olhar para os códigos existentes na cidade, como uma nova abordagem de análise do espaço urbano e de sua Arquitetura. Segundo COLQUHOUN (2008, p.276). “O movimento moderno na arquitetura foi uma tentativa de modificar os sistemas de representação que haviam sido herdados do passado pré-industrial e que haviam perdido sentido nas condições de uma tecnologia em rápida mudança”.

EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE TIPO

A noção de tipo utilizada neste estudo parte assim da ideia de Quincy, que o define como uma idéia geradora da forma, e que possui muitas possibilidades, das quais muitos edifícios podem derivar. Distingue-se assim do modelo, objetos específicos que podem ser copiados identicamente.

No final do século XIX e início do século XX, os modelos utilizados para a elaboração das edificações, eram baseados no repertório formal conhecido pelos projetistas, executado comumente nas grandes capitais. Quanto mais afastadas as cidades estavam dos grandes centros, mais se diluíam as tipologias e mais replicados os estilos eram, utilizando-se de apenas um ornamento ou modelos de decoração fora de sua acepção original.

ARQUITETURA DA ERA FERROVIÁRIA

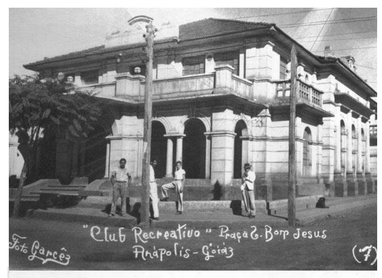
Anápolis obteve um crescimento urbano acelerado entre as décadas de 1930 a 1950 a partir da chegada da Estrada de Ferro Goiás (EFG), apresentando duas paisagens distintas, no decorrer destas décadas. Antes edificada em modelos tradicionais semelhantes às cidades mineradoras do século XVIII, a cidade passou por mudanças urbanas, ficando gravada a pelo uso de materiais industrializados e pela presença de técnicos e engenheiros, que vinham trabalhar na construção da ferrovia.

A produção de estilos como o neoclássico e do eclético, coincide com as vanguardas de racionalização da arquitetura, como por exemplo o *Art. déco, Art. Noveau*, Neocolonial. Segawa (2010, p.72) afirma que: havia uma convivência pacifica entre circunspectas obras tradicionalistas, exóticas casas neocoloniais e geométricas construções modernizantes em suas ecléticas páginas, mas com leve predominância das linhas modernas –ampliando-se esse domínio ano a ano, mais nos programas de âmbito coletivo – prédios comerciais, terminais de transporte, mercados, clube, etc. e menos nas obras residenciais. Boa parte dessas obras resultavam da ausência de um ideal estético definido, configurando puro formalismo de fachada. Para representar a amostra da pesquisa foram escolhidos quatro estilos com significante predominância na cidade: o Neocolonial, o Eclético e o *Art déco* e exemplares arquitetônicos como tais como habitações e edifícios institucionais.

Neocolonial

A utilização de elementos ligados a arquitetura colonial, foi uma das formas encontradas para representar nas habitações urbanas a memória da tradição das moradias rurais, podendo ainda considerar este esforço, como início do movimento de conservação, preservação e restauro do patrimônio histórico no Brasil.

Em anápolis, as residências traziam apenas elementos representativos nas fachadas, em contraponto com os edifícios públicos e de associações, cujos projetos aproximavam-se mais do estilo, com a presença de balcões e tijolos decorativos nas fachadas e telhados com cachorros adornados.



Eclético

O ecletismo foi um fenômeno arquitetônico surgido em meio à crise profissional entre os arquitetos, no final século XIX, caracterizado por uma variedade de elementos e formas de composição.

A mudança na implantação das edificações, os recuos frontais e laterais promoviam maior destaque, em contraponto aos conjuntos tradicionais das habitações alinhados a testada do lote e com telhados comuns de duas ou quatro águas. “O aparecimento de recuos frontais possibilitando a existência de jardins e, portanto, de espaços livres não edificados entre o edifício e a rua determinou uma nova paisagem urbana nas cidades pertencentes à região da Estrada de Ferro Goiás”. (MENDONÇA, 2004, p.172)

Art déco

O estilo *Art. déco*, também conhecido como estilo ano 25 foi um movimento artístico e de expressão arquitetônica, bastante difundido em todo o mundo, por representar os ideais de modernidade e progresso. No período compreendido entre as décadas de 1920 e 1940, marcado por profundas transformações sociais e pela consolidação das inovações tecnológicas na vida urbana, como as novas técnicas construtivas que atendiam às demandas da sociedade industrial.

A grande quantidade dos exemplares na cidade de Anápolis decorre da facilidade de assimilação de suas características básicas e também porque a época de maior desenvolvimento econômico da cidade coincidiu com o ápice do movimento. Os exemplares do movimento *déco* apresentavam, em sua maioria, elementos ornamentais nas fachadas, havendo poucas edificações com características mais expressivas do movimento, tais como os jogos de volumes.

A continuidade de soluções arquitetônicas tradicionais era evidente nas residências cujo sistema construtivo tradicional e distribuição de ambientes era mantido, pois continuava-se construindo utilizando-se tijolos de barro e coberturas com telhas de barro. O uso dos frisos nas fachadas e as platibandas eram os mais comuns, devido a facilidade de execução e também porque eram os signos mais fáceis de serem replicados. As referências volumétricas do estilo *Art. Déco*, como os jogos de volumes e as composições tripartidas (base, corpo e coroamento) estavam presentes nos edifícios institucionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Paisagem arquitetônica de Anápolis alterou-se significativamente a partir da década de 1930, com a chegada de muitos imigrantes nacionais e estrangeiros, aliada ao crescimento rápido do comércio. Em cidades que passaram por este cenário tão rápido de modernização, a liberdade na adoção de elementos e a dificuldade de uma mão de obra especializada tiveram como consequência, a mistura aleatória de elementos nas construções.

A análise das tendências construtivas presentes em outras cidades que passaram pelos mesmos processos de urbanização, poderia elucidar como apropriação de elementos ocorreu, e como a população utilizava os signos arquitetônicos, sejam como forma de representação dos ideais de modernidade ou do progresso.

REFERÊNCIAS

ANÁPOLIS, Museu Histórico. *Acervo Iconográfico.* Museu Histórico “Alderico Borges de Carvalho”. 2014.
ARGAN, Giulio Carlo, Sobre a tipologia em arquitetura (p.2683-273) *In:* NESBITT, KATE. *Uma nova agenda para a Arquitetura.* Trad. Vera Pereira 2ªed. São Paulo: Cosaf Naify, 2008, 664p.
COULQUHOUN, Alan. Tipologia e metodologia de projeto. (p.273-283) *In:* NESBITT, KATE. *Uma nova agenda para a Arquitetura.* Trad. Vera Pereira 2ªed. São Paulo: Cosaf Naify, 2008, 664p.
MENDONÇA, Massila Lopes Dias. O processo de transformação da paisagem urbana em Goiás: das cidades coloniais do século XVIII às cidades ferroviárias do século XX. In COELHO, Gustavo Neiva. *Ferrovia: 150 anos de Arquitetura e História.* Goiânia: Trilhas Urbanas, 2004, 218p.
MONEO, Rafael. *Inquietação teórica e estratégia projetual, na obra de oito arquitetos contemporâneos.* Trad. Flávio Coddou. São Paulo: Cosac Naify, 2008, 368p. 12
MONTANER, Josep Maria. *A modernidade superada.* Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001, 220p.
ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade.* Trad. Eduardo Brandão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 309p.
SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990.* 3ª ed. São Paulo: Usp.2010.224p.

Esp. Lucas Gabriel Corrêa Vargas – lucascvargas@hotmail.com
Dra. Márcia Metran de Mello – metranmarcia@gmail.com

Patrimônio Histórico & Requalificação Urbana

Patrimônio Histórico como Elemento de Transformação Urbana

O dinamismo característico da paisagem urbana dita o desenvolvimento da cidade e sua renovação.

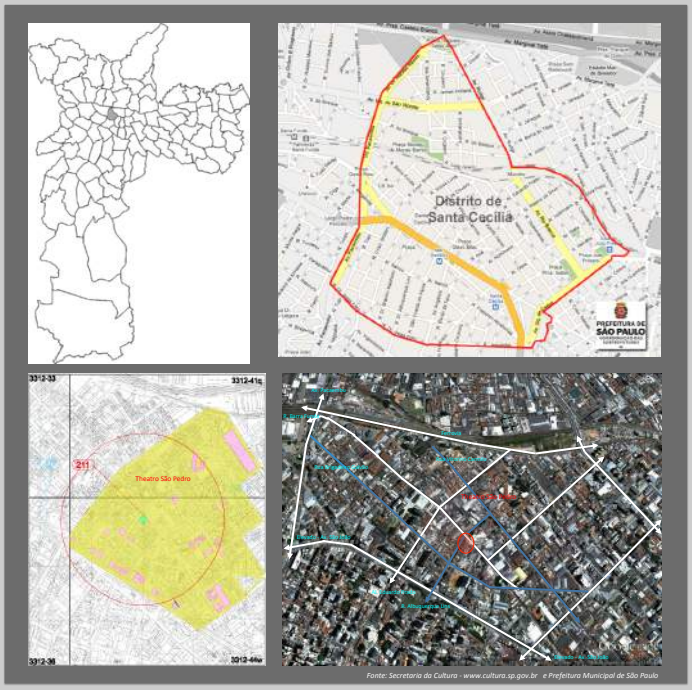
Novas formas urbanas são originadas desta acelerada expansão, possibilitando ancorar esta requalificação urbana na manutenção da qualidade da paisagem histórica, no reforço da cultura como fator de desenvolvimento e equilíbrio social, no respeito aos seus edifícios e tecidos urbanos.

Neste contexto o património histórico e cultural surge como um recurso das políticas públicas e dos instrumentos de gestão territorial, para promover e organizar essa transformação urbana.

Estudo Proposto

O estudo aqui proposto é relativo a identificação e discussão dos elementos de análise, básicos para a interpretação da estrutura urbana existente e os indicadores das diretrizes de percursos, uso e ocupação do solo, aplicáveis ao projeto de requalificação urbana que tenha sido pautado, neste caso, na inclusão do patrimônio histórico e cultural como estratégia de desenvolvimento territorial na cidade de São Paulo.

E para indicação dos procedimentos deste trabalho foi selecionado dentro da **cidade de São Paulo** o **Distrito e Santa Cecília**, com superfície de 390 ha, população 83.717 hab e densidade 214,67 hab/ha, cortado pela linha férrea CPTM e pela Via Elevada Presidente Artur Costa e Silva – o Minhocão, construído entre 1969 e 1971.



Fonte: Secretaria da Cultura - www.cultura.sp.gov.br e Prefeitura Municipal de São Paulo

Pesquisa - Indicadores Avaliados

- Desenvolvimento da verticalização
- Uso e ocupação do solo
- Perfil demográfico no tempo: faixa etária, poder aquisitivo, escolaridade, gênero

Theatro São Pedro

Como uma iniciativa de requalificação urbana desta área, foi realizado em **1998 a restauração** do Theatro São Pedro, um teatro de **construção datada de 1917**, de ampla referência cultural e arquitetônica desta região durante no século XX, beneficiado pelo adensamento residencial, de comercio, serviços e transporte público.

O **Theatro São** Pedro como âncora da continuação da história da região, serve como **modelo e referencial** para que outros imóveis tenham usos *permanentes* e, da mesma forma, não sofram degradação. As construções para habitação dos operários das antigas indústrias ainda preservam a arquitetura da época, bem como antigos casarões com fachadas originais, restauradas, se tornam conjuntos de moradias ou redes de iniciativas culturais e restaurantes. Observa-se também a instalação de diversas galerias de arte na região e grupos teatrais também se aglomeram na região, colocando a cultura como ponto central da vocação do local.

Fonte: Secretaria da Cultura - www.cultura.sp.gov.br

Cultura, História, Vocação Urbana

A utilização do patrimônio histórico e cultural como elemento da requalificação urbana, exalta de forma clara a vocação sociocultural da região em que está inserido, e direciona o seu desenvolvimento.

Não pode se deixar de levar em consideração que o distrito de Santa Cecília, industrial e lar de operários, ainda carrega influência negativa sobre os olhares lançados à região no presente, levando a crer que a imagem do distrito ainda não se livrou da marginalização social sofrida pelos habitantes do passado.

As intervenções precisam ser ampliados, e com isso, devem afastar tudo o que a região carrega de negativo do ponto de vista social, cultural e econômico, demandando dessa requalificação a manutenção da configuração da atual malha urbana e a ampliação do convívio social.

Fonte: Secretaria da Cultura - www.cultura.sp.gov.br; www.paginacultural.com.br

PNUM 2015 PORTUGUESE NETWORK OF URBAN MORPHOLOGY

USJT – Universidade São Judas Tadeu

Miriam S. Korn – miriamkorn@globo.com

Maria Carolina Maziviero – mcarolmazi@hotmail.com

Avaliação do impacto de um shopping Center na dinâmica urbana de espaços públicos tradicionais em cidade de médio porte: estudo de caso na cidade de Arapiraca-AL

INTRODUÇÃO

Os espaços públicos das cidades, em especial as praças, são comumente usados por quem busca um local para lazer, integração familiar, socialização, caminhadas ou momento de descanso.

Além de serem lugares agradáveis, as praças também oferecem à população o acesso a diversas opções de atividades culturais como apresentações musicais, danças folclóricas, apresentações teatrais, dentre outras. Podes ser observado também que algumas famílias utilizam estes espaços para ofercer alguns serviços com vistas a garantir ou complementar a renda mensal com a venda de lanches, bijouterias, artesanatos ou com aluguel de brinquedos para as crianças, dentre outros.

O que se constata nos dias atuais é que, mesmo com os serviços disponíveis nas praças, uma grande parte da população tende a preferir passar seu tempo livre em ambientes fechados, como os shoppings centers, que além de conterem algumas das atividades e serviços oferecidos pelas praças, como alimentação e boutiques, garantem a segurança ao usuário, o que poucas vezes acontece nos ambientes públicos.

OBJETIVO

O presente trabalho apresenta como hipótese que a implantação do Arapiraca Garden Shopping, na cidade de Arapiraca/AL, está produzindo uma redução do número de usuários nos espaços públicos da cidade. O objetivo central da pesquisa foi compreender quais são as transformações que os espaços públicos da área central da cidade veem sofrendo a partir da implantação do shopping, utilizando como estudo de caso o Parque Ceci Cunha, que é um marco das revitalizações dos espaços públicos na cidade.

DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

O município de Arapiraca está localizado no estado de Alagoas, com uma população aproximada de 220.000 habitantes e área de 351 km², um PIB per capita de R$8.788,660 (IBGE, 2010). O nome Arapiraca faz referência à árvore sob a qual descansou Manoel André, fundador da cidade, segundo a historiografia local.

No decorrer do século XX, a cidade teve sua economia pautada pela cultura fumageira. Na década de 1970 a cultura atingiu seu apogeu e Arapiraca ficou conhecida como a “capital brasileira do fumo”. A cidade tornou-se um polo de atividades de comércio e serviços para municípios do agreste e do sertão alagoanos.

Arapiraca passou por diversas intervenções de revitalização urbana dos seus espaços públicos nas duas últimas décadas. O **Parque Ceci Cunha** é um marco dessas revitalizações. Com uma área de 45.000m², o Parque está localizado na área central da cidade e consiste em três áreas: uma destinada a atividades esportivas (Parque Ceci Cunha I); uma destinada a lazer infantil e familiar (Parque Ceci Cunha II), ligada ao terminal rodoviário; e outra reservada ao comércio do artesanato local e a apresentações culturais como incentivo aos artistas locais (Mercado do Artesanato Margarida Gonçalves).

Há pouco mais de um ano, Arapiraca recebeu a implantação de seu primeiro shopping center, localizado em bairro periférico, próximo ao Centro Administrativo, constituído pela Prefeitura, as Secretarias Municipais e Órgãos do Poder Judiciário. **O Arapiraca Garden Shopping**, foi inaugurado no dia 25 de setembro de 2013 e conta, hoje, com 190 lojas, 6 salas de cinema e 2.190 vagas de estacionamento. Este estabelecimento tem atraído grande número de pessoas dos municípios circunvizinhos, do agreste e do sertão alagoanos.

Figura 1. Localização do Parque Ceci Cunha

Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/>.

Figura 2. Localização de Arapiraca em Alagoas

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/>.

Figura 3. Localização do Arapiraca Garden Shopping

Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/>.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Para estabelecer uma análise e comparação entre os espaços públicos e os shoppings centers, foi necessário um embasamento teórico de acordo com especialistas nos temas.

De acordo com Abrahão (2008), os espaços públicos são as áreas, dentro da cidade, que deveriam oferecer os direitos assegurdos a todo cidadão de bem-estar e segurança. Enquanto Rolnik (2000) afirma que os espaços públicos existentes nas cidades estão reduzidos a locais de acesso, pontos de referência e rotas de acesso aos espaços privados que oferecem o que é competência dos espaços públicos.

Os shopping centers brasileiros são espaços privados disfarçados de públicos, criados para oferecer soluções aos problemas das cidades (ROLNIK, 2007).

METODOLOGIA

- Revisão bibliográfica sobre o tema, discutindo espaços públicos e privados na cidade contemporânea;
- Definição de um parque/praça que fosse representativo dos espaços públicos nas áreas centrais da cidade;
- Realização de uma leitura técnica do parque a partir de uma visita à área
- Identificar os principais problemas e potencialidades da área;
- Entrevistas junto aos comerciantes com estabelecimentos localizados no Parque Ceci Cunha;
- Efetuação de entrevista com a gerente de marketing do Arapiraca Garden Shopping;
- Elaboração de uma análise das informações coletadas na leitura técnica e nas entrevistas.

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

Figura 1. Parque Ceci Cunha I – Quadra de areia

Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 2. Parque Ceci Cunha I – Ginásio de Esportes João Paulo II

Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 3. Parque Ceci Cunha II – Academia ao ar livre

Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 4. Parque Ceci Cunha II - Estátua

Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 5. Arapiraca Garden Shopping - Fachada

Disponível em: <http://www.96fmarapiraca.com.br>.

Figura 6. Arapiraca Garden Shopping – Espaço de Exposições

Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 7. Arapiraca Garden Shopping – Espaço de Exposições

Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 8. Parque Ceci Cunha I – Fonte Luminosa

Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 9. Parque Ceci Cunha II – Lago artificial

Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 10. Parque Ceci Cunha II - Playground

Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 11. Parque Ceci Cunha II - Quiosques

Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 12. Parque Ceci Cunha I – Pista de skate

Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 13. Mercado do Artesanato Margarida Gonçalves

Disponível em: <https://sites.google.com/site/iemaalufal/ >

Figura 14. Parque Ceci Cunha II – Mobiliário urbano

Fonte: Elaborada pelo autor.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Analisando as entrevistas, foi possível perceber que o fluxo de frequentadores do parque Ceci Cunha diminuiu consideravelmente desde a inauguração do Arapiraca Garden Shopping, tanto na utilização do espaço, quanto no número de consumidores dos estabelecimentos comerciais.

Outro fato constatado foi que a redução de consumidores ocorreu nos estabelecimentos que oferecem os mesmos serviços que o shopping, como as lanchonetes e serviços voltados para o público infantil, já os serviços que não são oferecidos pelo shopping, como as lojas de artesanato, não sofreram grandes alterações.

De acordo com os entrevistados, a razão desta diminuição se deve ao fato das praças não oferecerem segurança para seus frequentadores e a prefeitura não promover mais eventos culturais nas praças como antes fazia. Elas também salientaram que o shopping oferece mais opções de atividades em um só lugar, além de promever mais segurança.

Em entrevista com a representante do shopping, tomou-se conhecimento de que, desde que assumiu este cargo, a circulação no Arapiraca Garden Shopping tem aumentado, bem como o volume de vendas, a representande atribui este crecimento a abertura de novas lojas, o conhecimento de novas pessoas sobre a existênica do shopping e o uso de estratégias para atrair mais clientes, trazendo novidades e atividades que são realizadas no centro para o shopping, como desfiles, shows, apresentações culturais, etc.

BIBLIOGRAFIA

ABRAHÃO, Sérgio. **Espaço público:** do urbano ao político. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008. (Capítulo 4: A rua e o espaço público em dabate).

GOMES JÚNIOR, José de Souza. **Percepção ambiental do ambiente construído: o caso do Parque Municipal Ceci Cunha.** Arapiraca: UFAL, 2014. 92 p. Trabalho de Conclusão de Curso.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> . Acesso em: 7 mai. 2015.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PADILHA, Valquíria. A sociologia vai ao shopping center. **Ciência Hoje**, maio 2007. Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br>. Acesso em: 16 mai. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA. Disponível em: < http://www.arapiraca.al.gov.br/ >. Acesso em: 1 jun. 2015.

ROLNIK, R. . O lazer humaniza o espaço urbano. In: SESC SP. (Org.). **Lazer numa sociedade globalizada.** São Paulo: SESC São Paulo/World Leisure, 2000. Disponível em; <https://raquelrolnik.files.wordpress.com/2009/08/lazerhumanizaespacourbano.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2015.

CONCLUSÃO

Este trabalho foi relevante para apresentar a relação que vem se perdendo entre as pessoas e os espaços públicos. Os espaços públicos da cidade vem sofrendo impactos desde a inserção de um grande equipamento de consumo na cidade: o Arapiraca Garden Shooping. O Parque Ceci Cunha, utilizado no trabalho como o espaço representativo dos espaços públicos da área central, vem perdendo usuários devido à falta de segurança e de manutenção e também devido às estratégias adotadas pelo shopping para atrair cada vez mais consumidores. Tal fenômeno é sintomático, pois indica as transformações dos usos dos espaços na cidade, em que os espaços onde predominam o valor de uso vem sendo impactados pelos espaços onde predominam o valor de troca

PNUM 2015 PORTUGUESE NETWORK OF URBAN MORPHOLOGY

Universidade Federal de Alagoas
Campus de Arapiraca

Autores:
Ana Maria Laurindo André Nunes
Dayany Barreto Vasconcelos
Rafael Rust Neves
Ricardo Victor Rodrigues Barbosa

Contato:
amnunes.arq@gmail.com
dbarreto863@gmail.com
rafael.neves@arapiraca.ufal.br
rvictor@arapiraca.ufal.br

DIAGNÓSTICO DO BAIRRO CAMOBI PARA O PLANEJAMENTO DA PAISAGEM URBANA

INTRODUÇÃO

Este resumo apresenta a **metodologia de diagnóstico** utilizada em um Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, com objetivo de realizar o **planejamento da paisagem urbana de um bairro** da cidade de Santa Maria, RS, Brasil. Camobi (**Figuras 1 e 2**), **maior bairro** de Santa Maria, em termos de extensão territorial (20,3463 km²) e população absoluta (21.822 habitantes no ano de 2010), **urbanizou-se de forma acelerada e não planejada nos últimos cinquenta anos**, tendo como resultado uma série de problemas relacionados à ocupação do solo, infraestrutura e mobilidade urbana. Entre eles citam-se a carência de espaços livres de lazer e recreação e a negligência à escala humana e às paisagens naturais e culturais pré-existentes. Mais do que nunca, torna-se necessário realizar intervenções urbanas que revertam essa situação, oferecendo um espaço público qualificado, seguro, dinâmico, saudável e sustentável para seus habitantes. A análise do problema antecede qualquer proposição arquitetônica, urbanística e/ou paisagística, sendo o diagnóstico uma ferramenta importante para a compreensão da realidade do contexto em que se insere uma intervenção.

Figura 1 - Bairro Camobi, o maior da cidade em extensão territorial e população absoluta.
Fonte: Marchiori; Machado; Noal Filho, 2008, p. 200.

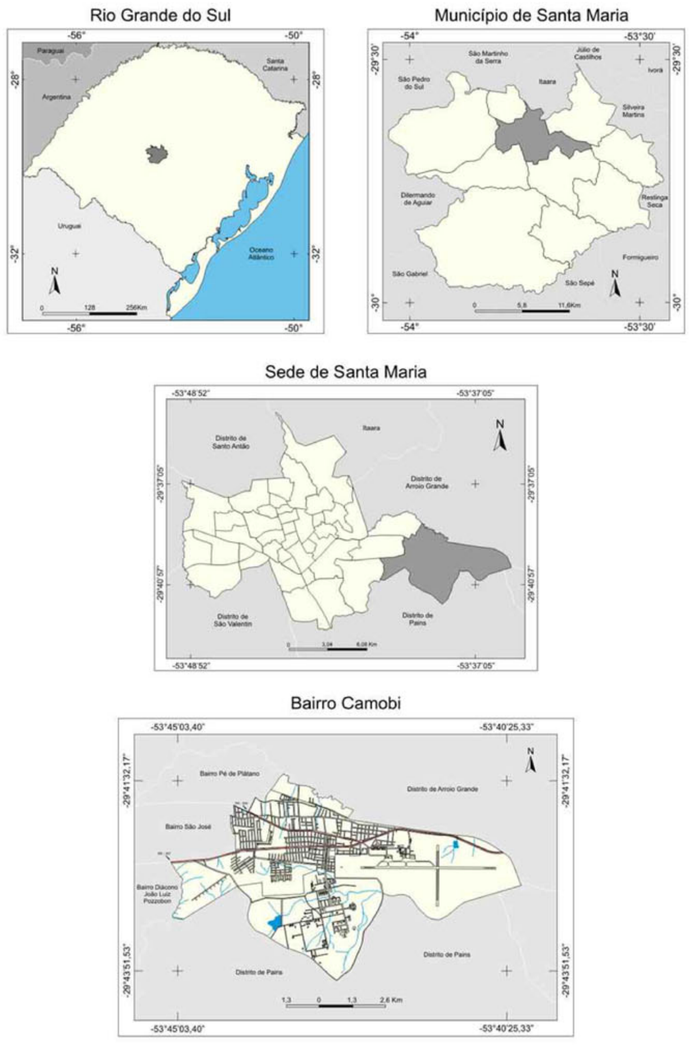


Figura 2 - Localização do bairro Camobi. Fonte: adaptado de Comin, 2013.

DIAGNÓSTICO MACRO ESCALA

A análise do problema estrutura-se em três níveis, englobando as **escalas macro, meso e micro**. Na escala macro apreende-se o bairro em sua totalidade a partir de **materiais bibliográficos** consultados e de **levantamentos *in loco*** realizados durante o primeiro semestre de 2014. Esta etapa do diagnóstico gerou **quinze mapas temáticos**, os quais deram suporte para análises pelo autor, realizando-se a **caracterização histórica, físico-ambiental, socioeconômica e cultural na escala macro**.

DIAGNÓSTICO MESO ESCALA

O diagnóstico na escala meso apreende com maior profundidade a **dimensão funcional da paisagem** em recortes espaciais do bairro, denominados **centralidades (Figura 3)**. A análise funcional compara os **padrões morfológicos das centralidades a critérios de qualidade do espaço público** conforme apresentados por Carmona *et al*. (2010); Gehl (2013); Mehta (2013) e Whyte (2004), para evidenciar **potencialidades e fragilidades**. Os padrões morfológicos foram obtidos através de levantamentos *in loco,* registrados em tabelas adaptadas de Pippi *et al.* (2011) durante percursos a pé.

A fim de incorporar ao diagnóstico **os valores, a memória e a preferência dos atores sociais** do bairro Camobi, realizou-se a **leitura comunitária da paisagem** através do exercício prático por nós denominado Mosaico da Paisagem (Figura 4). Ele consiste na apresentação de um painel com vinte fotografias do bairro ao entrevistado, o qual é solicitado para apontar aquelas que considera mais representativas de Camobi e citar aspectos positivos e negativos dos lugares escolhidos. O exercício foi aplicado com a comunidade na forma de **entrevista na rua** e por **formulário *online*** via Google Forms divulgado através de redes sociais, obtendo-se no total 142 respostas. Os **aspectos positivos e negativos** mencionados pela comunidade para lugares específicos do bairro foram categorizados para fins estatísticos **(Figuras 5 e 6)** e, posteriormente, apresentados agrupados em suas respectivas centralidades.

DIAGNÓSTICO MICRO ESCALA

O diagnóstico na escala micro parte da hipótese de que o "nosso comportamento e nossas ações são influenciados pelo ambiente físico-espacial que nos cerca" (DEL RIO, 1990, p. 97). Através da análise do comportamento ambiental em um ponto fixo de cada centralidade, busca-se sanar os seguintes questionamentos: quem são os atores sociais desses espaços (gênero e faixa etária) e quais os tipos e os **diferentes níveis de atividades físicas**, categorizados em atividades estacionárias e de passagem (não motorizadas apenas) são verificadas (**Figura 7**). Para isso, utiliza-se o método da **estação de observação**, que consiste na observação direta pelo pesquisador do comportamento dos usuários do local de estudo a partir de um ponto fixo, com distância de visibilidade de 40 metros, durante determinado tempo, seguindo protocolo elaborado. Condicionado pelo cronograma previsto, limitou-se a aplicação do método a um intervalo de trinta minutos para cada ponto da centralidade. As observações em todos os pontos ocorreram em horário comercial, no período da tarde, das 14h às 17h30min, durante um dia útil e um domingo, registradas em uma ficha de observação adaptada de Madden e Schwartz (2000).

A comparação dos resultados individuais da análise comportamental para os pontos chave observados em cada centralidade revelou que os níveis de atividade humana permanecem com pouca variação quando comparados dia útil e final de semana. No dia útil, as centralidades com maior e menor nível de atividade foram, respectivamente, a Av. Roraima (33%) e a Estação Ferroviária (3%). Já no final de semana, o maior e o menor nível de atividade entre as centralidades foram verificados, respectivamente, no Centro Comercial (36%) e na Estação Ferroviária (3%). A maior parte dos indivíduos observados estava sozinha, o que pode indicar que os ambientes são considerados seguros em relação à criminalidade. O mesmo pode-se dizer dos pontos em que predominavam as mulheres: o Centro Comercial e o Trevo do Aeroporto nas tardes de sexta-feira, com grande circulação de pessoas. Observa-se que em todos as centralidades, predominam os adultos, sendo muito pouco frequente a presença de idosos, o que indica que esses espaços não oferecem atrativos para essa faixa etária. É possível que o ambiente físico das centralidades atue como barreira física e/ou psicológica à locomoção dos idosos, inibindo a sua presença. Essa hipótese é levantada em razão da maior parte dos idosos ser encontrada no Centro Comercial, talvez realizando atividades obrigatórias como ir ao banco e compras de necessidade básica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O **diagnóstico**, em suas três esferas, forneceu subsídios para a **síntese do problema: a análise das potencialidades e fragilidades do bairro Camobi**, no quesito **espaço público**, e a elaboração de **diretrizes de intervenção** na área urbana para a macro, meso e microescalas, as quais orientam o desenvolvimento do **planejamento da paisagem** pretendido. Complementando a visão técnica da problemática, a leitura comunitária mostrou-se imprescindível, pois revelou os anseios e as necessidades dos atores sociais do bairro Camobi, que são o público-alvo do projeto de **qualificação da paisagem urbana**.

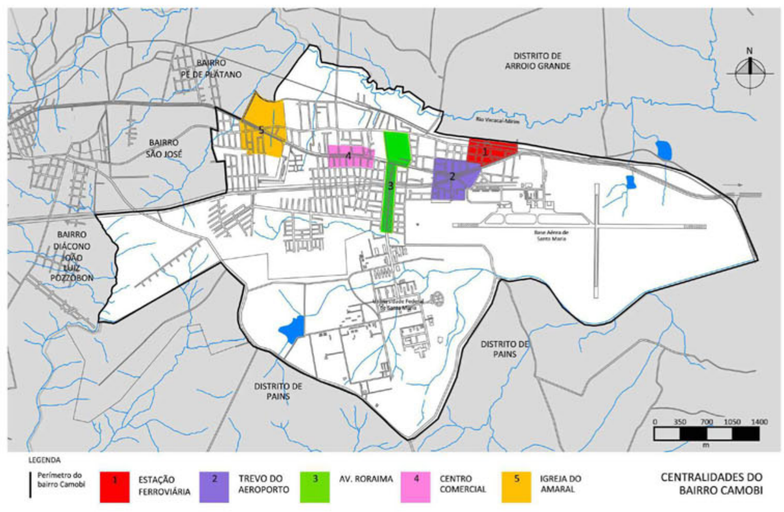


Figura 3 - Centralidades do bairro Camobi. Fonte: o autor.

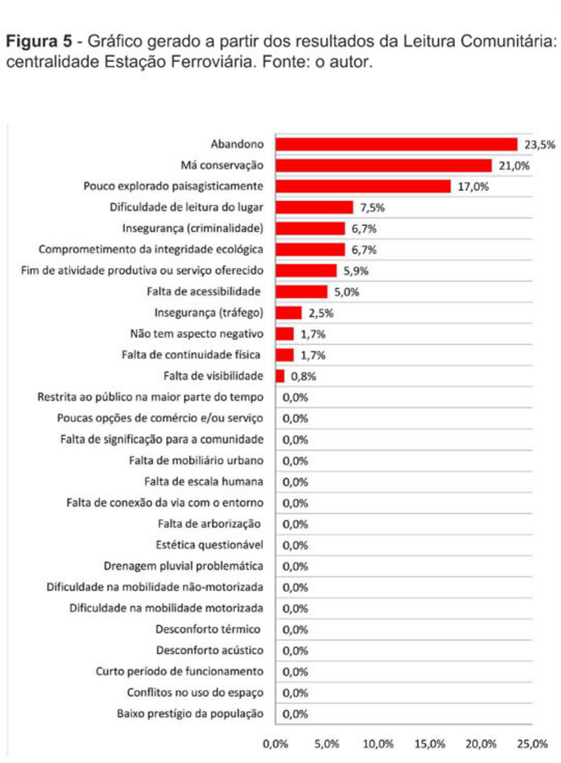
Figura 4 - Mosaico da paisagem: painel com vinte fotografias do bairro Camobi para leitura comunitária.
Fonte: o autor.

CITAÇÕES DA LEITURA COMUNITÁRIA PARA O PRINCIPAL ASPECTO POSITIVO MENCIONADO DA CENTRALIDADE ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

VALOR HISTÓRICO E/OU PATRIMONIAL

"Ambiente cheio de história e importante para o bairro Camobi e para a cidade" [Estação Ferroviária]; "deve ser carinhosamente preservada, com suas reais características" [Estação Ferroviária]; "foi construído para ser um hotel, uma pousada para hospedar os viajantes de trem" [Sobrado em estilo art déco]; "indústria importante para o desenvolvimento de Camobi" [Antiga Olaria Kipper]; "tão antiga quanto Camobi" [Cooperativa de Arroz Camobi]; "a Igreja Nossa Senhora da Glória e a praça que fica em frente fazem parte da história do bairro, configurando um núcleo com a estação e a cooperativa".

Figura 5 - Gráfico gerado a partir dos resultados da Leitura Comunitária: aspectos positivos da centralidade Estação Ferroviária. Fonte: o autor.



CITAÇÕES DA LEITURA COMUNITÁRIA PARA OS PRINCIPAIS ASPECTOS NEGATIVOS MENCIONADOS DA CENTRALIDADE ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

ABANDONO

"Edificação fantasma, sem uso e que poderia servir a população de alguma maneira" [Estação Ferroviária]; "descomprometimento da população e do poder público com esse recurso" [Rio Vacacaí-Mirim]; "a vida social do bairro foi deslocada para a área comercial da Faixa Velha"; "à noite, passar por ali é como passar numa cidade fantasma, caráter reforçado pelo sobrado, pela praça escura da igreja e pela estação" [Cooperativa de Arroz Camobi].

MÁ CONSERVAÇÃO

"Virou tapera"; "precisaria de uma restauração, mantendo-se a Arquitetura original" [Estação Ferroviária]; "lastimável o estado nessa foto" [Sobrado em estilo art déco]; "descaracterização deste conjunto, como, por exemplo, a péssima pintura em vermelho dos pavilhões. Deveriam ter, no mínimo, mantido o caráter de tijolo à vista original" [Antiga Olaria Kipper].

Figura 6 - Gráfico gerado a partir dos resultados da Leitura Comunitária: aspectos negativos da centralidade Estação Ferroviária. Fonte: o autor.

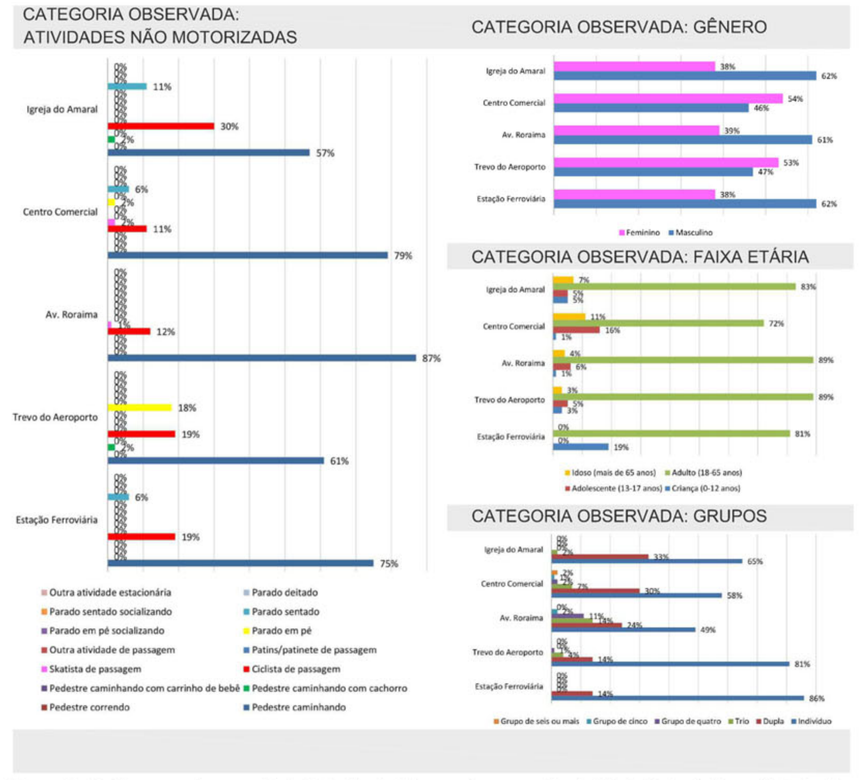


Figura 7 - Gráficos gerados a partir da Estação de Observação para a Centralidade Estação Ferroviária, tarde de sexta-feira. Fonte: o autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARMONA, M. *et al*. **Public places - urban spaces**: the dimensions of urban design. 2nd ed. Oxford: Elsevier, 2010.

COMIN, F. V. **Dinâmica espacial e segregação residencial no bairro Camobi - Santa Maria/RS.** 2013. 132 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

DEL RIO, V. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. 1. ed. São Paulo: Pini, 1990.

GEHL, J. **Cidades para pessoas**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MADDEN, K. (writer); SCHWARTZ, A. (editor). **How to turn a place around**: a handbook for creating successful public spaces. New York: Project for Public Spaces, 2000.

MARCHIORI, J. N. C.; MACHADO, P. F. dos S.; NOAL FILHO, V. A. **Do céu de Santa Maria.** Santa Maria: D Marin, 2008.

MEHTA, V. **The street**: a quintessential social public space. New York: Routledge, 2013.

PIPPI, L. G. A. *et al*. A dinâmica dos espaços livres intra-urbanos da cidade de Santa Maria. **Paisagem & Ambiente**: ensaios, Universidade Federal de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, n. 29, p. 220-225, 2011.

WHYTE, W. **The social life of small urban spaces**. New York: Project for public spaces, 2004.

PNUM 2015
PORTUGUESE NETWORK OF URBAN MORPHOLOGY

FILIPE BASSAN MARINHO MACIEL[1]
[1]autor, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
filipebassan@gmail.com

LUIS GUILHERME AITA PIPPI[2]
[2]orientador, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
guiamy@hotmail.com